

Arqueologia do Concelho de Serpa

M. Conceição Lopes
Pedro C. Carvalho
Sofia M. Gomes

Epigrafia

Texto de José d'Encarnação

Fotografias de Guilherme Cardoso

1

Proveniência: Monte Branco (30)**Paradeiro:** Museu Arqueológico de Serpa.**Descrição:** Fragmento do lado esquerdo de uma placa (?), de calcário.**Dimensões:** 13 x 24 x 9

TAN[...]
 QVOD · NATVM · [...]
 TVRBA · [...]
 [...]?

CAEIRO, 1985, 120 = AE 1985, 504; DIAS, 1988, n° 1.

1



2

Proveniência: Zambujeiro 1 (33)**Paradeiro:** Residência de A. Guerreiro Rogado, em Pias.**Descrição:** Fragmento de placa funerária de mármore.**Dimensões:** 19 x 21 x 4.

[...] [?]
 CRISE [IDI ? AN(norum)]
 XIII (quattuordecim) · ARI[ST]
 VS · PAT(er) · F(aciendum) [· C(urauit)]
 · H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) [· T(ibi) · T(erra) · L(euis)]

A Criseis, de catorze anos. Áristo, o pai, mandou fazer. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

Inédito

2

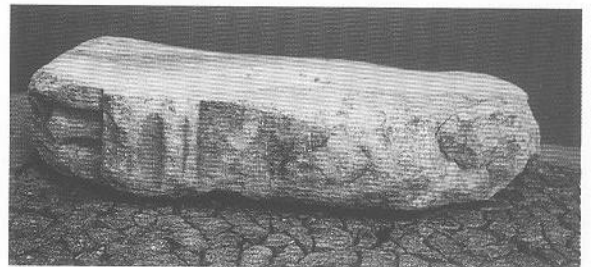


3

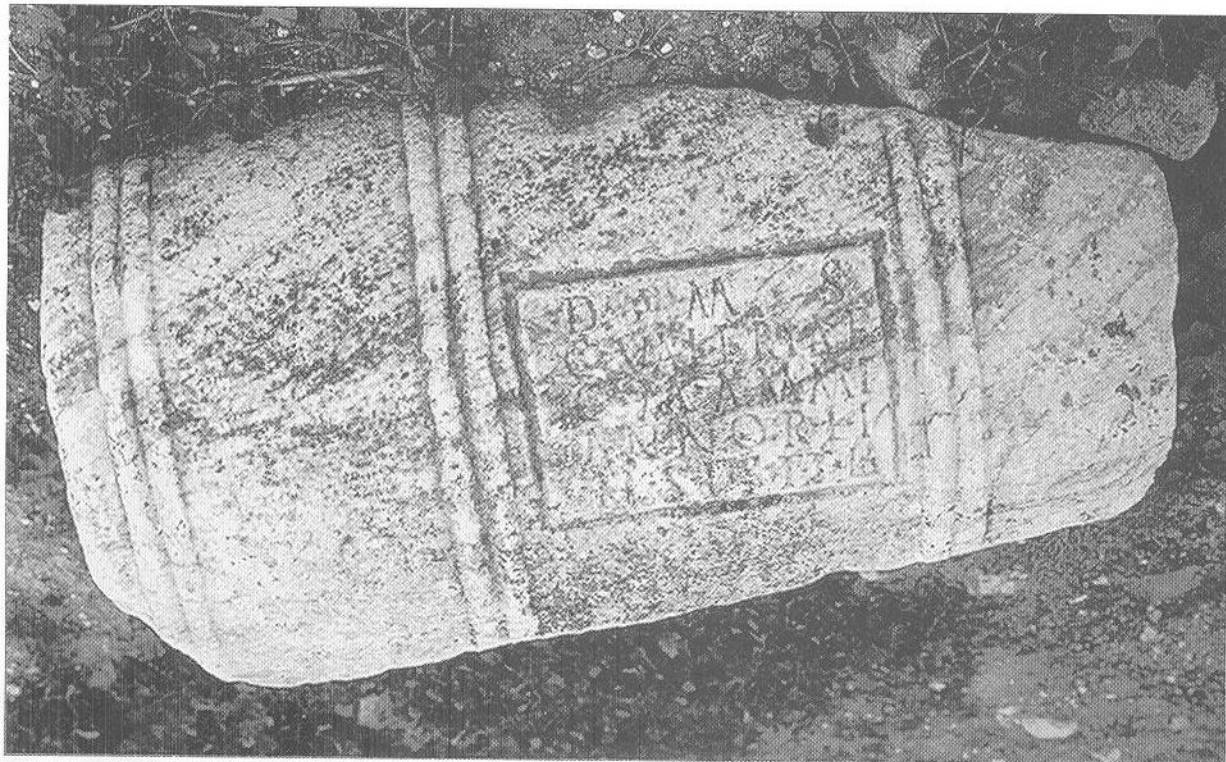
Proveniência: Brinches / Largo 5 de Outubro (?)**Paradeiro:** Residência de Maria Beatriz Farinho, em Brinches.**Descrição:** Ara de mármore com um jarro e uma pátera nas faces laterais e o campo epigráfico desgastado.**Dimensões:** 92 x 43 x 19

Inédito

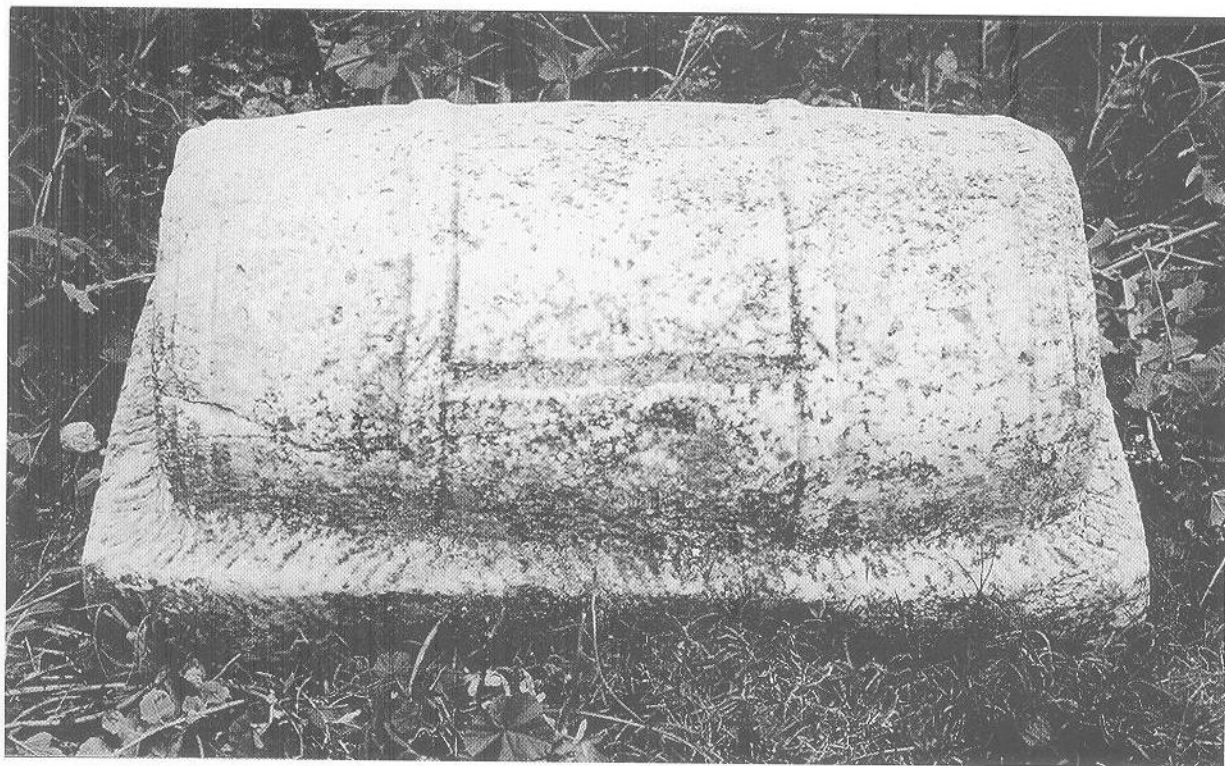
3



4



5



4

Proveniência: Salsa (43)**Paradeiro:** Monte da Salsa.**Descrição:** Cupa funerária, de mármore de Trigaches.**Dimensões:** 40 x 100.

D(is) · M(anibus) · S(acrum)
 C(aiae) · VALERIAE · C(aii) · FIL(iae) · AMME
 ANNOR(um) · L · I (unius et quinquaginta)
 H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

Consagrado aos deuses Manes. De Gaia Valéria Ama, filha de Gaio. De cinquenta e um anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

VIANA, 1955, 6; SAA, 1963, 285, MOITA, 1965 foto hors texte (p.140); ILER, 6791; BONNEVILLE, 1982, 13, n.º 34; ENCARNAÇÃO, 1984,199. ALMEIDA, 1984-1988, 99-102.

5

Proveniência: Salsa (43)**Paradeiro:** Monte da Salsa.**Descrição:** Cupa funerária anepígrafa de mármore de Trigaches. Possui o campo epigráfico desenhado.**Dimensões:** 88 x 38 x 42.

VIANA, 1955, 7 e Est. III, n.º 27; Saa, 1963, 285.

6

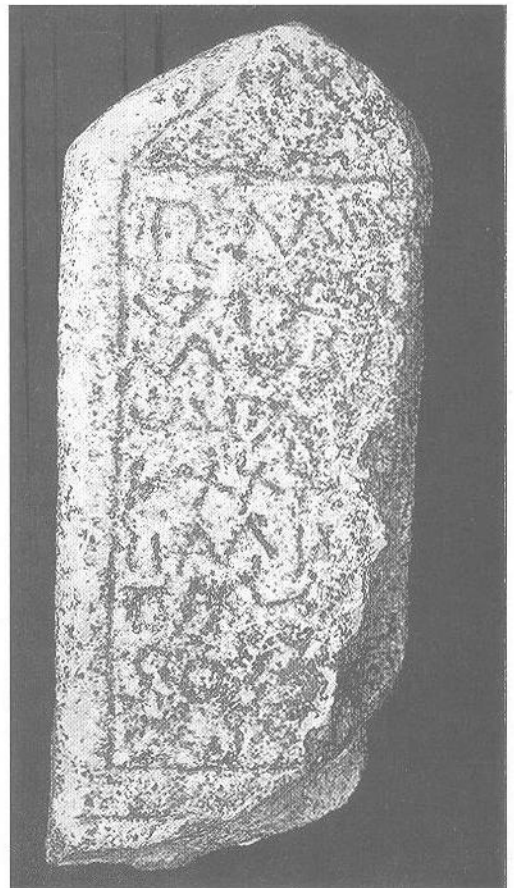
Proveniência: Salsa (43)**Paradeiro:** Monte da Salsa.**Descrição:** Fuste (?) de ara, de mármore.**Dimensões:** 82 x 31 x 23.

D(is) · M(anibus) ∅ S(acrum)
 VIXV
 MVSI
 [...]M
 LXXX (octoginta)
 [...]
 [...]

Consagrado aos deuses Manes. (...), de oitenta (anos)
 (...)

Inédito

6



7

Proveniência: Pias (81)**Paradeiro:** Museu Nacional de Arqueologia (nº 7273 do inventário antigo).**Descrição:** Placa funerária de mármore, moldurada.**Dimensões:** 20 x 30 x 3,5.

[APOLA]VSIS
 [ANTIS]TIAE · PR
 [ISC]IAE DELICI
 VM · ANNICIA
 DIERV M XXXXVIII (octo et quadraginta)
 H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) T(ibi) · T(erra) L(euis)

Aqui jaz Apolausis Anícia, delícias de Antístia Prisca, de quarenta e oito dias. Que a terra te seja leve.

CAPEANS, 1940, 555-559; LIMA, 1951, 206; HAE 855; LAMBRINO, 1967, 141-142; AE, 1969-70, 241; ILER, 3356; ENCARNAÇÃO, 1995, 405-408.



8

Proveniência: Corte do Alho 1 (84)**Paradeiro:** Museu Municipal de Moura (nº 163/ EPI 1)**Descrição:** Miliário de mármore do tipo Estremoz-Vila Viçosa, a que falta a parte superior.**Dimensões:** 92 x 47 (diâm.)

[IMP(erator) · CAESAR DIVI
 TRAIANI PARTHICI F(ilius)]
 [DI]VI NERV[AE NEP(os)]
 TRAIANVS [sic]
 HADRIANVS AVGVVS
 TVS · P(ontifex) · M(aximus) · TRIB(unicia) · PO
 TEST(ate) · V (quinta) · CO(n)S(ul) · III (tertium) ·
 REFECIT
 VIII (octo millia passuum)

O imperador César Trajano Adriano Augusto, filho do divino Trajano Pártico, neto do divino Nerva, pontífice máximo, no 5º poder tribunício, cônsul pela terceira vez - refez. Oito milhas.

LIMA, 1951, 193-194; LIMA, 1981, 158-160 e 385-386; LIMA, 1988, 82-84; ENCARNAÇÃO, 1990, 65-66 (fig. 1, nº 5).

8



9

Proveniência: Herdade dos Manuéis (91)**Paradeiro:** Desconhecido.**Descrição:** "Tábula de mármore"**Dimensões:** 30 x 44

D(is) · M(anibus) · S(acrum)

FLAVIA

ANNORVM

XXX (triginta) · H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Flávia, de trinta anos. Que a terra te seja leve.

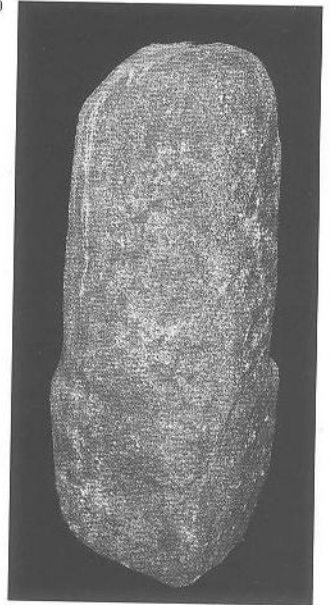
JORNAL DE MOURA, 24 Ag. 1943; VIANA, 1950, 21; HAE, 167 E 856; LIMA, 1951, 206, ILER, 3210.

10

Proveniência: Chilra 3 (111)**Paradeiro:** Residência de Bento Castelhana, em Serpa.**Descrição:** Miliário de granito, actualmente anepígrafo, conservando o soco.**Dimensões:** 145 x 45 (diâmetro).

Inédito

10



11

Proveniência: Alpendres dos Lagares (112)**Paradeiro:** Museu Arqueológico de Serpa.**Descrição:** Cupa funerária de mármore de Trigaches.

D(is) · M(anibus) · S(acrum) ·

[...] [...V]S APRILIO

[...] VALEN

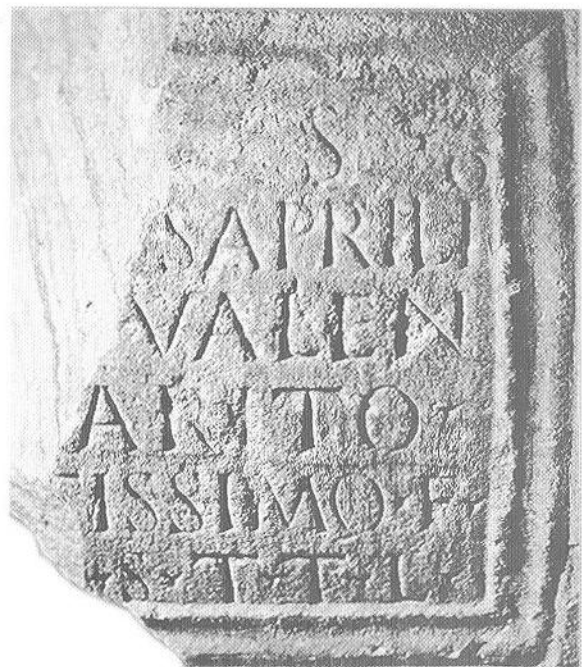
[TINA?] [M]ARITO · [PIEN]TISSIMO · F(aciendum) ·

[C(urauit) · H(ic) · S(itus) · E(st)] · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

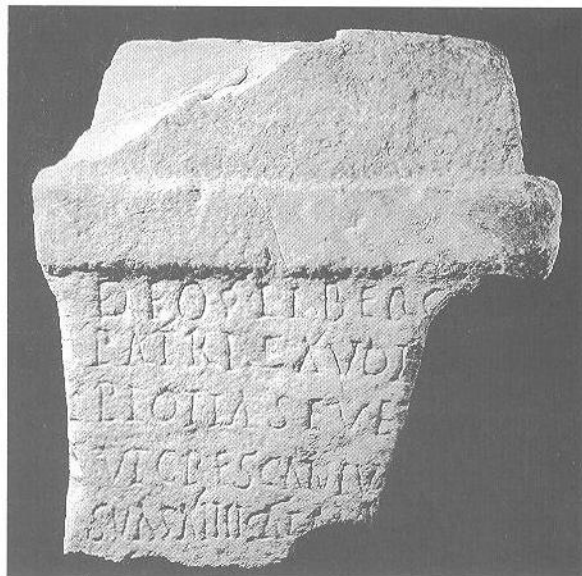
Consagrada aos deuses Manes. Aqui jaz (...) Aprilião. (...) Valentina (?) mandou fazer ao marido, modelo de piedade. Que a terra te seja leve.

Inédito

11



13



12



12

Proveniência: Alpendres dos Lagares (112)**Paradeiro:** Museu Arqueológico de Serpa.**Descrição:** Cupa funerária de mármore de Trigaches.**Dimensões:** 145 (compr. conserv.)

[...]
 [...] [VIX]SIT ANNIS [L (quinquaginta)] [?]
 H(ic) s(itus uel -ita) E(st)
 S(it) T(ibi) T(erra) L(euis)

Aqui jaz ... Viveu 50 (?) anos. Que a terra te seja leve.

Inédito

13

Proveniência: Espicharrabo 1 (122)**Paradeiro:** Museu Arqueológico de Vila Verde de Ficalho.**Descrição:** Ara votiva de mármore de tipo Estremoz/Vila Viçosa, incompleta.**Dimensões:** 46 x 41/25 x 18,5/15.

DEO ♡ LIBERO
 PATRI EX VOT[O?]
 PLOTIA SEVE[RA?]
 VT CPESCANIV [?] [...]
 SVAS XIII [] [?]

Ao Deus Líber Pai, por voto. Plócia Severa para que ...(?)

SAA, 1963, 294-297; IRCP, 795, n. 2.

14

Proveniência: Capela 3 (128)**Paradeiro:** Monte da Capela.**Descrição:** Cupa funerária, anepígrafa, de mármore, com restos do soco e, aparentemente, sem aros de aduelas.**Dimensões:** 76 x 40 x 32.

Inédito

15

Proveniência: Capela 3 (128)**Paradeiro:** Monte da Capela.

Descrição: Fragmento de ara de mármore.

Dimensões: 37 x 25 x 13.

Inédito

16

Proveniência: Torre Velha (129)

Paradeiro: Museu Arqueológico de Serpa.

Descrição: Altar de granito, decorado em duas faces: numa um touro e noutra um jarro.

Dimensões: 45 x 86 x 37.

Inédito

17

Proveniência: Belmeque (133)

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia (nº 18709).

Descrição: Parte superior de ábula votiva, de mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa.

Dimensões: (21,3) x 17,1 x 11,1.

M(arcus) I(ulius) A(uitus?)
P(osuit) IIX VO
TO MIIR
CVR[IO] [...?]

Marco Júlio Avito (?) colocou, por voto, a Mercúrio.

VASCONCELOS 1900, 231-236; 1913, 274 e fig. 126; 1938, 242-248; LIMA, 1951, 192; HAE, 845; SAA, 1963, 298; LAMBRINO, 1967, 143, N° 61; ILER, 273. (Indicado no mapa peninsular do culto a Mercúrio, in *Veleia*, 4 1987, 133).

18

Proveniência: Messangil 1 (135)

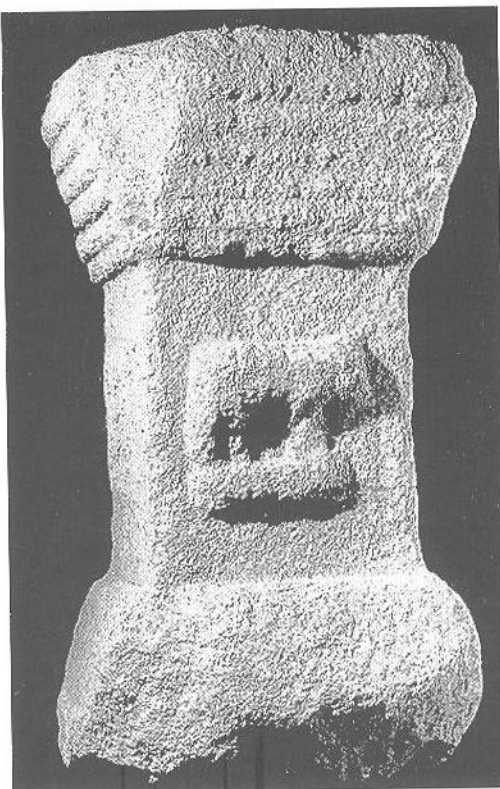
Paradeiro: Museu Rainha D. Leonor - Beja.

Descrição: Ara funerária de mármore branco de Estremoz/Vila Viçosa.

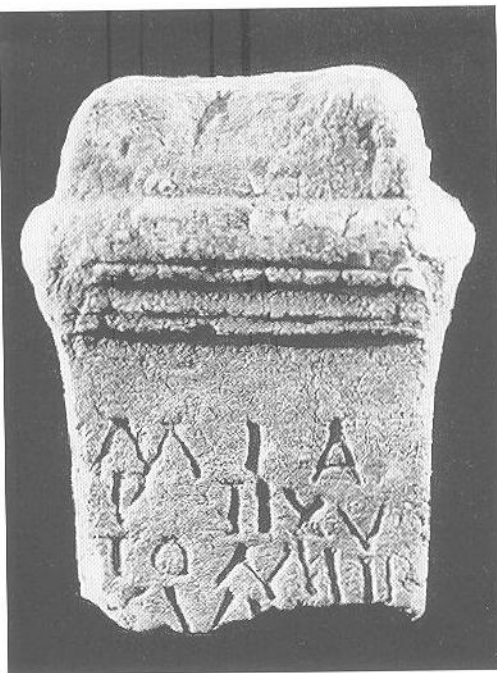
Dimensões (segundo Abel Viana): 121 x 65 x 39.

[D(is)] · M(anibus) ·
[CAI?]O BAEBIO
[M]ASCVLO
[TV]RVBRIGE(n)SIS [sic]

16



17

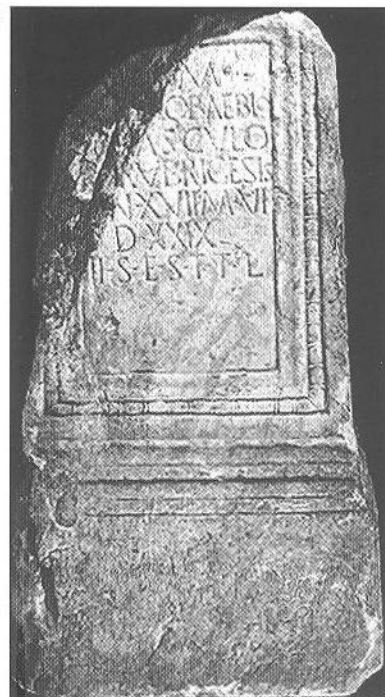


[A]N(norum) · XVII (septemdecim) · M(ensium) · VI (sex)
 D(ierum) · XXIX (undetriginta)
 H(ic) · S(itus) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

Aos deuses Manes. A Gaio Bébio Másculo, turubrigense, de dezassete anos, seis meses, vinte e nove dias. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

VIANA, 1946, 47-51 (com desenho); LIMA, 1951, 195; ILER 5367; ENCARNAÇÃO, 1995, 408-411.

18



19

Proveniência: Messangil 1 (135)

Paradeiro: Museu Rainha D. Leonor - Beja (nº de inventário B 146).

Descrição: Ara funerária, de mármore de Pardais branco com veios cinzento-azulados.

Dimensões: 125 x 65 x 45.

DIS · MANIBVS
 AVRELIAE · ARCONIS · F(iliae) · ANNITAE
 ANNORVM XVI (sedecim)
 HIC · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

Aos deuses Manes. A Aurélia Anita, filha de Arcão, de dezasseis anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

VIANA, 1946, 46-47; LIMA, 1951, 194; HAE, 847; ILER 3322 e 3333; ENCARNAÇÃO, 1995, 411-415.

19



20

Proveniência: Messangil 1 (135)

Paradeiro: Desconhecido.

Descrição: Ara (?)

Dimensões: (?)

DIS MANIBVS
 AVRELIAE
 M(arci) · F(iliae) GALLAE A
 NNO(rum) XII (duodecim)
 H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

Aos deuses Manes de Aurélia Gala, filha de Marco, de doze anos. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

CIL II, 969; LIMA, 1951, 194; ILER, 3332.

21

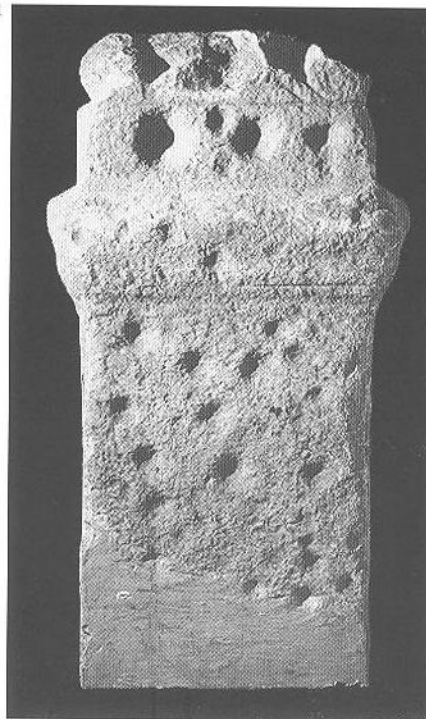
Proveniência: Messangil 1 (135)

Paradeiro: Museu Municipal de Moura (nº 169/EPI 2)

Descrição: Ara funerária de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa, com o campo epigráfico desgastado.

Dimensões: 109 x 55 x 32

LIMA, 1951, 195-196 (fig. 7); ENCARNAÇÃO, 1990, 66 (fig. 2, nº 11).



22

Proveniência: Desconhecida (151)

Paradeiro: Zona industrial de Serpa.

Descrição: Cupa de mármore, com o campo epigráfico marcado.

Dimensões: (90) x 67 (diâm.).

Inédito

23

Proveniência: Serpa 1 / Rua do Cano (152)

Paradeiro: Museu Arqueológico de Serpa.

Descrição: Fragmento de lápide romana de tipologia indeterminada, de mármore branco de tipo Estremoz/Vila Viçosa.

Dimensões: 68 x 28 x 27.

[...IVR [...]
 AE [...]
 [...] IB [...]
 [...IVR · ETV [...]
 ITVI · PO [...]
 [...] VIMO [...]
 MORA [?]

Inédito

22



23



25



24



24

Proveniência: Serpa 1 (152)**Paradeiro:** No jardim da casa da Sr^a D. Maria de Eça de Queiroz e Mello, Marquesa de Ficalho.**Descrição:** Parte inferior dum ara funerária de mármore.**Dimensões:** 46 x 92 x 29.

[...]

MENS(ibus) · VIII (octo) · DIE[Bus] [...] [FILIAE uel FILIE] [PIEN]TIS[SI]ME
FECIT · H(ic) · S(ita) · E(st) | S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis) [?]

(...) oito meses, (...) dias (...) fez para a filha, modelo de piedade. Aqui jaz. Que a terra te seja leve.

MOITA, 1965, foto 6 (sem interpretação).

25

Proveniência: Serpa 1 / Rua da Barbacã (152)**Paradeiro:** No quintal da casa do Sr. Jorge Félix Lanzinha, em Serpa.**Descrição:** Estela em forma de ara, com decoração vegetalista no frontão, jarro e pátera nas faces laterais.**Dimensões:** 95 x 52,5 x 26,5.D(is) · M(anibus) · S(acrum) ·
CAECIL(ia) ♀ MVSTIA
VTICENS(is) · VIX(it) · ANN(is)
XXVIII (octo et uiginti) · L(ucius) [FIRM]IDIVS · PE
REGRINVS · VXORI
[PIENTISSIMAE · F(aciendum) · C(urauit)]

Consagrado aos deuses Manes. Cecília Mústia, uticense, viveu 28 anos. Lúcio Firmídio Peregrino mandou fazer à mulher, modelo de piedade.

Inédito

26

Proveniência: Serpa (152)**Paradeiro:** Muralha do castelo de Serpa.**Descrição:** Ara funerária de mármore de Trigaches.**Dimensões:** 115 x 45 x ?

26



D(is) · M(anibus) · S(acrum)
 I(ulia) M(arci) F(ilia) FVNDANA
 ANN(orum) · XXVIII (duodetriginta)
 AVGVSTIANVS
 MARITVS VXO
 RI PIENTISSIMAE
 F(aciendum) C(uravit)
 H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) · L(euis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Júlia Fundana, filha de Marco, de vinte e oito anos. Augustiano, o marido, mandou fazer à esposa, modelo de piedade. Que a terra te seja leve.

MOITA, 1965, foto 2 (sem interpretação); GORGES, 1994, 83-86.

27



27

Proveniência: Desconhecida

Paradeiro: Museu Arqueológico de Serpa.

Descrição: Parte inferior de uma ara funerária, de calcário da região.

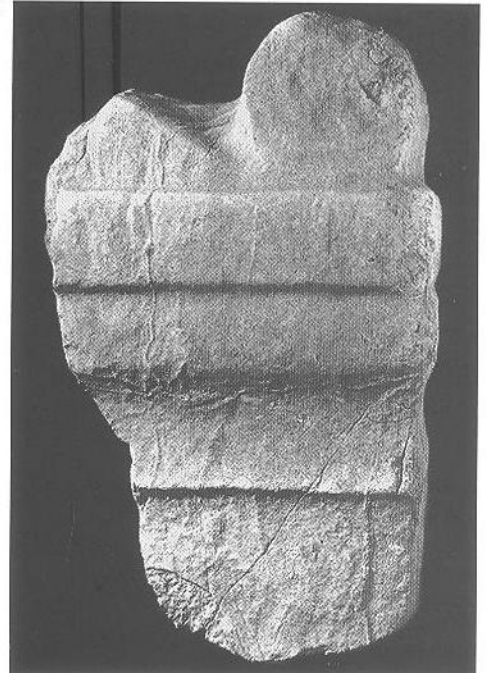
Dimensões: (34,5) x 28 x 34

L(ucius)(?)[...]
 TAN[GINVS?][...]
 POSVIT MAT[ER]
 MISERA ♀ HIC
 SITVS SI<T> TIBI T(erra) L(euis)

Aqui jaz Lúcio Tangino (...). Colocou a mísera mãe. Que a terra te seja leve.

CAEIRO, 1983-85, 211-213; DIAS, 1990, 83.

28



28

Proveniência: Desconhecida

Paradeiro: Museu Arqueológico de Serpa

Descrição: Parte superior de uma ara de calcário.

Dimensões:

Inédito

29

Proveniência: Trata-se, muito verosimilmente, de uma invenção de André de Resende para justificar a importância de Serpa ao tempo dos Romanos.

D(is) · M(anibus) · S(acrum)
 FABIA PRISCA
 SERPENSIS C(iuis) R(omana)
 ANN(orum) · XX (uiginti) · H(ic) · S(ita) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)
 C(aius) · GEMINIUS PRIS
 CVS PATER ET
 FABIA CADILLA MA
 TER POSVERVNT

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Fábica Prisca, serpense, cidadã romana, de vinte anos. Que a terra te seja leve. Gaio Gemínio Prisco, o pai, e Fábica Cadila, a mãe, colocaram.

RESENDE, 1790, ff. 476-477; CIL II 971; LIMA, 1951, 195; ILER 5411.

30

Proveniência: Herdade de Santa Maria (171)

Paradeiro: Desconhecido.

Descrição:

Dimensões:

ELVIA

LIMA, 1951, 208.

31

Proveniência: Cidade das Rosas 1 (193)

Paradeiro: Museu Nacional de Arqueologia (nº E 6343).

Descrição: Metade inferior de ara funerária.

Dimensões: 80 x 50 x 35.

[...]
 I L(ucii) F(ili) MAXIM[I]
 ANN(orum) XXXIII (trium et triginta)
 MATER FI(ilio) PII(ssimo) [uel PIEN(tissimo)]
 H(ic) · S(itus) [· E(st)] · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

De (...) Máximo, filho de Lúcio, de trinta e três anos.
A mãe ao filho, modelo de piedade. Aqui jaz. Que a
terra te seja leve.

VASCONCELOS, 1895, 220 (nº 10); 1900, 237; 1927,
225; EE IX, 138; LAMBRINO, 1967, 142-143 (nº 60).

32

Proveniência: Cidade das Rosas 1 (193)

Paradeiro: --

Descrição: Fragmento de epígrafe funerária de
tipologia indeterminada.

Dimensões:

D(is) · M(anibus) · S(acrum)
C(aius) · ROCIVS [...]
[...]

Consagrado aos deuses Manes. (Aqui jaz) Gaio
Rócio...

SAA, 1963, 292; ENCARNAÇÃO, 1994, 220-221.

33

Proveniência: Meirinho 1 (199)

Paradeiro: Residência do Dr. Pulido Garcia, em
Serpa.

Descrição: Cupa funerária de mármore, com campo
epigráfico em *tabula ansata*.

Dimensões:

D(is) · M(anibus) · S(acrum) ·
GALLI[CV]S
ANN(orum) X[X]X (triginta)
FRATRES [F]A
CIENDVM CVR(auerunt)
· H(ic) · S(itus) · E(st) · S(it) · T(ibi) · T(erra) · L(euis)

33



Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Gálico, de
30 anos. Os irmãos mandaram fazer. Que a terra te
seja leve.

LIMA, 1951, 208 (sem interpretação).

34

Proveniência: Abóboda (207)**Paradeiro:** Capela da Herdade da Abóboda.**Descrição:** Fragmento de ara (?) votiva.**Dimensões:**

I(oui) ∅ O(ptimo) ∅ M(aximo)
 RVFVS
 [A(nimo) L(íbens) V(otum) S(oluit)] ?

A Júpiter Ótimo Máximo. Rufo cumpriu o voto de livre vontade (?)

ALMEIDA e CAEIRO, 1978, 339 (Est. I, fig. 1).

35



35

Proveniência: Folha do Ouro (215)**Paradeiro:** Desconhecido (na posse do Dr José Olívio Caeiro ?).**Descrição:** Placa funerária.**Dimensões:**

(...)
 (...)MA ∅ ARCONI ∅ F(ilia) ∅ OPTAT
 (V)S ∅ SAELCI ∅ F(ilius) ∅ IVIINA(?) ∅ SAELCI ∅ F(ilia) ∅
 H(ic) ∅ S(iti) ∅ S(unt) ∅ S(it) ∅ V(obis) ∅ T(erra) ∅ L(euis) ∅ AMOENA ∅ SILVA
 NVS ∅ AGRICOLA ∅ SENECAE ∅ F(ili)
 AVIAE ∅ AVNCVLO ∅ EX TEST(amento)
 (...)NV(...)CIIIAII T(?)

Aqui jazem (...) filha de Arcónio; Optato, filho de Sécio; Júnia (?), filha de Sécio. Que a terra vos seja leve. Amena, Silvano, Agrícola, filhos de Séneca - à avó, ao tio materno, por testamento mandaram fazer (?).

ENCARNAÇÃO, 1995, 408, nota 11.

36

Proveniência: Monte da Defesa (226)**Paradeiro:** Monte da Defesa.**Descrição:** Cupa funerária, anepígrafa, de mármore de Trigaches, conservando quatro pares de aros de aduelas.**Dimensões:** (110) x 38 x 53.

Inédito

36



37

Proveniência: Romeirinha / Santa Iria ? (236)**Paradeiro:** Museu Regional de Évora (nº 1829).**Descrição:** Árula votiva de mármore branco de Pardais.**Dimensões:** 39 x 24 x 15

DEAE MEDICAE
 PROCLA
 RVFI FILIA
 D(onum) · EX V(oto) · A(nimo) · L(ibens) · S(oluit)

À Deusa Médica. Prócula, filha de Rufo, ofereceu, por voto, de boa vontade.

LIMA, 1951, 197 e 208; AE, 1955, 241; ESPANCA, 1966, 123; HAE 168 e 850; ILER 530; IRCP, p. 445.

38

Proveniência: Romeirinha / Santa Iria ? (236)**Paradeiro:** Monte do Peixoto.**Descrição:** Placa funerária de mármore com inscrição em *tabula ansata*.**Dimensões:** 49 x (51) x 5.

[...]LO · MANI · F(ilius)
 [...]LA · DAVTAIONIS · F(ilia)
 [...] · HIC · SITI · SVNT
 [...]A · AVITONIS · F(ilia)
 [...] [SI]BI · ET · SVIS

Aqui jazem (...), filho de Mânio; (...), filha de Dautaião. (...), filha de Avitão - para si e para os seus.

Inédita

39

Proveniência: Vila Verde de Ficalho 1 (266)**Paradeiro:** Museu Arqueológico de Vila Verde de Ficalho.**Descrição:** Ara votiva de mármore sacaróide com muita pátina.**Dimensões:** 49 x 30 x 18.

DEAE
 SANCTE
 [A?]IA · SEVER[A?]
 EX VOTO
 ANI(mo) · LIB(ens) · POS(uit)

À Deusa Santa. Aia (?) Severa, por voto, colocou de livre vontade.

40

Proveniência: Vila Verde de Ficalho 1 (266)

Paradeiro: Desconhecido

Descrição: Placa?

D(is) · M(anibus) · S(acrum) ·
 VLPIA · M(arci) · F(ilia)
 MARCELLA
 ANNORVM
 LIII (trium et quinquaginta)
 H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) · L(euis)

Consagrado aos deuses Manes. Aqui jaz Úlpia Marcela, filha de Marco, de 53 anos. Que a terra te seja leve.

CIL. II, 968; ILER, 3209.

41

Proveniência:

Paradeiro: Museu Arqueológico de Vila Verde de Ficalho.

Descrição: Placa funerária cristã, de mármore branco da região.

Dimensões: 56 x 36 x 44.

MARTINVS
 FAMVLVS ΧΡΥ
 H VIXIT ANNOS
 NVMERO LXIII
 H OBIIT IN PACE
 SVB DIE X K(a)L(en)D(as)
 MARTIAS
 H ERA DCLXIII

Martinho, servo de Cristo, viveu 64 anos. Morreu em paz no décimo dia das calendas de Março da era de 664 (= 20 de Fevereiro de 626).

DIAS e SOARES, 1987, 233-240.

37



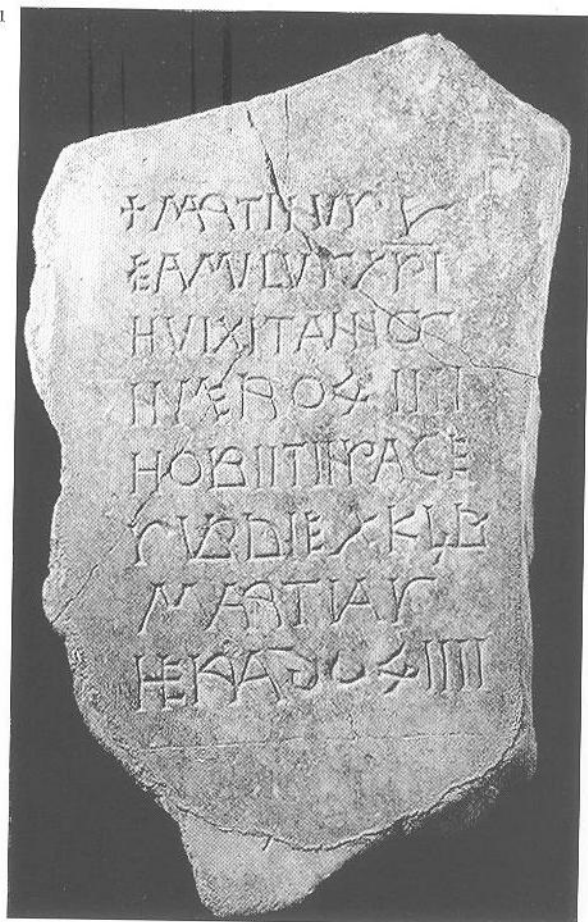
38



39



41



LETREIROS, HOMENS E DEUSES

Na época romana — como, aliás, aconteceu em todos os períodos em que o Homem decidiu, pela escrita em material duradouro, deixar rasto da sua passagem — o monumento epigráfico constitui, por isso mesmo, primacial fonte histórica. A sua tipologia e decoração; os formulários que ostenta; a onomástica que apresenta; a atitude religiosa que manifesta — são inigualáveis veículos de informação.

E, quanto à Serpa romana, “aculturação” é palavra-chave em todos esses aspectos e os elementos indígenas impõem-se aí, ou melhor, ombreiam quase de igual com os cânones trazidos pelos colonos.

“Colonos”?

Sim, porque, na verdade, esses monumentos epigráficos apontam no sentido de, na região de Serpa, se haver instalado desde os primórdios da “ocupação” romana gente oriunda directamente da Península Itálica e do Norte de África.

É intenção que as epígrafes não suficientemente estudadas ou as ainda inéditas venham a ser alvo de análise, com o pormenor que merecem. Limitar-nos-emos, aqui, a tecer breves comentários, a salientar o especial significado dalgumas delas, identificando-as com o número que possuem no catálogo.

Tipologia e decoração

Não há estelas funerárias no termo de Serpa. Tenho sugerido que a estela pertence, no período romano, a um ambiente preferentemente rural. O certo é que — aqui — se, naturalmente, a envolvimento é rural, os seus habitantes detêm costumes citadinos.

A “estela” de Cecília Mústia (nº 25), por exemplo, resulta claramente da “contaminação” duma ara — quer pela presença do jarro e da pátera nas faces laterais, quer por toda a gramática decorativa do frontão, que intrinsecamente a prende ao universo simbólico uticense, donde é natural.

Apesar de incompleta, a placa da Romeirinha (nº 38) constitui igualmente documento sintomático: destinado a identificar os primeiros membros duma família bem aculturada do ponto de vista onomástico que no jazigo foram sepultados, trai, no pormenor da *tabula ansata* e no requinte da paginação, reminiscências duma arte não-peninsular.

Lamenta-se ter apenas a parte final — quase só a base — da imensa ara funerária (nº 24) que deixa adivinhar, bem nos alvares do século I da nossa era, a dor imensa causada pela morte assaz prematura da jovem; monumento assim, porém, imaginamo-lo a encimar estrutura imponente plantada à beira da via que sai do núcleo urbano. Aliás, as magníficas aras do Museu de Beja (nº 18 e 19) não são disso também eloquente testemunho?

E mesmo as minúsculas placas de Críseis (nº 2) e de Apolausis (nº 7) que enquadramento original se pode atribuir-lhes? O texto, tão particular, nomeadamente no que toca a Apolausis, e a onomástica grega se não nos permitem ousar integrá-los num monumento do tipo norte-africano com vários corpos, quase em jeito de pirâmide de degraus — como se observa, por exemplo, num monumento exposto na sala principal do Museu Nacional de Arte Romano de Mérida, onde a pequeníssima placa se insere justamente no último paralelepípedo (qual obelisco) — certo é que não as podemos imaginar também

simples placas de columbário colectivo. E, mesmo que o fossem, denotariam igualmente influências estranhas à Península.

E se os jarros e páteras das aras funerárias são elemento clássico em todo o espaço romano, a decoração vegetalista da ara nº 25 detém, como frisámos, ampla reminiscência cartaginesa; e a grinalda da ara de Aurélia Anita (nº 19) — bem em evidência na sua face dianteira — denota requinte não assinalado ainda noutras aras da Lusitânia portuguesa.

E as cupas? Demasiado frequentes no panorama epigráfico do *conventus Pacensis*, poderiam à primeira vista, constituir banalidade. Não o são, porém. Veja-se que a de *Gallicus* (nº 33) ostenta regular *tabula ansata*: anotem-se as invulgares dimensões da maior parte delas; verifique-se que, por deter os *tria nomina*, Gaia Valéria Ama terá certamente pertencido ao escol da população e os seus parentes não hesitaram em dar essa forma ao monumento que lhe recobria a urna cinerária (nº 4). De resto, será certamente este um dos casos em que teremos de imaginar a cupa não singelamente colocada sobre o soco de idênticas dimensões (como se vê nos exemplares completos do Museu de Odrinhas - Sintra) mas a encimar um monumento maior.

Os formulários

Desconhecemos, infelizmente, o significado do texto nº 1. Afigura-se-nos fragmento de *carmen* fúnebre, o que não destoaria no ambiente que vimos descrevendo. E se, depois das oportunas reflexões do saudoso Jean Mallon, há que ver no texto da cupa de Gaia Valéria Ama lapsos de lapicida — que não soube interpretar FIL do manuscrito e gravou M, que pôs escusado ponto entre os numerais L e I (indício do costume africano de “arredondar” a idade em I?) — já a utilização do vocábulo *delicium* (nº 7) se reveste de particular significado, dada a sua raridade e forte conteúdo emotivo.

O demais — consagração aos deuses Manes, fórmulas funerárias finais — não foge ao que é habitual.

A onomástica

“Pelo nome os conhecereis”, escrevi um dia. Na verdade, assim é.

E a onomástica patente nos monumentos epigráficos da Serpa romana assume características invulgares.

Primeiro, apresenta antropónimos eruditos. E se, de facto, o não são no sentido pleno do termo, também não é menos verdade que não ocorrem assim com tanta frequência no mundo romano peninsular e mesmo no mundo romano em geral: *Criseis* e *Aristus* (nº 2); *Anicia*, *Apolausis* e *Antistia* (nº 7); *Aprilio* (nº 11); *Plotia* (nº 13); *Masculus* (nº 18); *Annita* (nº 19); *Mustia* e *Peregrinus* (nº 25); *Augustianus* (nº 26); *Gallicus* (nº 33) - são disso, de facto, um bom exemplo.

Particular atenção nos merecem duas placas de jazigos familiares pelo relevante contributo que aduzem ao significado profundo que teve — aqui como noutras bandas do Império — a aculturação onomástica.

Assinalei já a importância de vocábulos como *Dautai* e *Avito* (nº 38) — pelo que eles representam de adaptação ímpar, como aumentativos, da onomástica pré-romana à terminologia latina — e o uso por extenso do *praenomen Manius*, patronímico à maneira indígena.

Do texto nº 35 só me foi possível dispor da fotografia amavelmente cedida, há vários anos, pelo Dr. José Olívio Caeiro, que certamente o terá analisado em pormenor na sua recente dissertação de doutoramento, cujo teor ainda desconheço. No entanto, nele está bem patente o encontro entre a



onomástica pré-romana, de raiz claramente lusitana (*Saelcius...*), a antroponímia latina, se bem que usada à moda indígena (*Agricola, Seneca, Silvanus, Optatus ...*) e a adopção de palavras (*avia, avunculus*) e formulários latinos (*ex testamento*). E mesmo a sumptuosa ara de *Aurelia Annita* ostenta, sem peias, a origem local da defunta através do patronímico indígena *Arco*. Uma simbiose notável!

As poucas famílias documentadas — *Anicia, Antistia, Aurelia, Baebia, Caecilia, Firmidia, Flavia, Iulia* (em sigla), *Plotia, Rocia, Valeria* — inserem-se no que de mais clássico se encontra e se, neste âmbito, podem considerar-se lucubração dificilmente sustentável entroncá-las directamente nas antigas *gentes* romanas, o facto é que não deixa, por isso, de se ter por sintomático que sejam esses, e não outros, os gentilícios aqui perpetuados.

De realçar, finalmente, a menção à *origo*: *uticensis* (nº 25), *turubrigensis* (nº 18). *Gallicus*, embora *cognomen* e de especial representação no Norte de Africa, não deixará de poder ser interpretado também como etimologicamente toponímico. Essa menção significa, por um lado, o voluntário acentuar duma diferença, que, por ser diferença quotidianamente assumida decerto, significa igualmente assinalado motivo de orgulho. Indicia e confirma, por outro, que o termo de Serpa desde cedo se constituiu pólo de atracção das mais desvairadas gentes. A presença de singular onomástica grega — *Apolausis, Aristus, Criseis* — se evidencia, como se assinalou, invulgar erudição, documenta cosmopolitismo de que se não hesita em fazer gala.

Dos aspectos económicos propriamente ditos se tratou noutro capítulo; no entanto, quer a clara imagem de marca dos tijolos da oficina de *Vincintius*, quer a grandiosidade dos monumentos sepulcrais evidenciam um estatuto invejável.

As manifestações religiosas

A ausência de um específico lugar de culto não deve causar estranheza. Os cultos oficiais e as festividades cíclicas do ano litúrgico romano celebravam-se, obviamente, na vizinha metrópole, *Pax Iulia*, capital de *conventus*, centro político-religioso por excelência, numa época em que, como sabemos, a utilização política dos rituais religiosos era prática quotidiana.

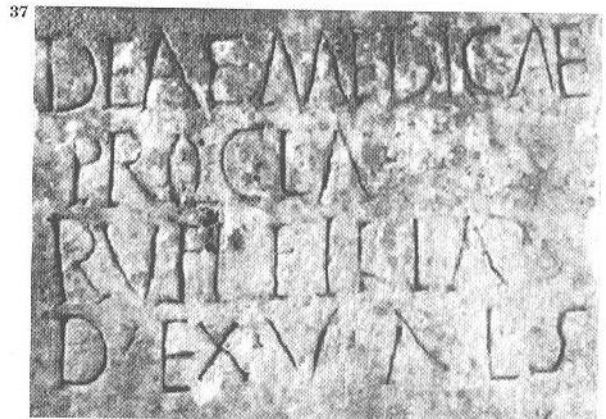
Gostaríamos de possuir mais elementos acerca do ex-voto a Júpiter Ótimo Máximo (nº 34). Desconhece-se-lhe a completa identificação do dedicante. Não adiantaremos, por isso, considerações que, apesar de verosímeis, sempre se quedarão no domínio do mais ou menos viável. Também o carácter incompleto da epígrafe nº 23, patente no Museu Arqueológico de Serpa, que gostosamente atribuiríamos a *Liber Pater* nos não permite mais do que meras conjecturas.

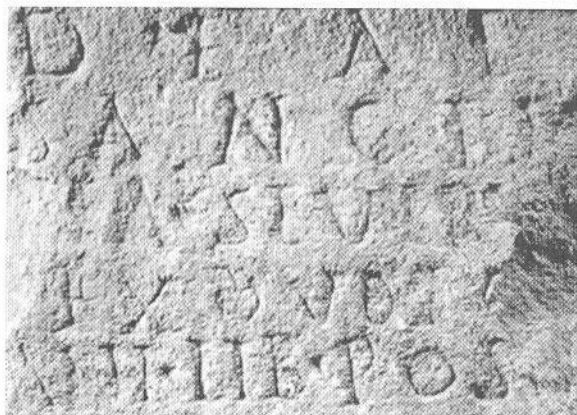
Contudo, não obstante a sua rudeza actual e mau estado de conservação, a peça nº 16, desprezenciosamente mostrada no Museu Arqueológico de Serpa, identificar-se-á, sem dúvida, como altar de sacrificio, a imitar — na forma, nas dimensões e na decoração lateral — as aras requintadas de templos e lugares públicos.

Terá sido, portanto, a devoção privada a dominante.

Assim o demonstra cabalmente a árula a Mercúrio guardada no Museu Nacional de Arqueologia (nº 17). Peça tosca, de fabrico grosseiro, em que veríamos de bom grado a mão dum artífice local pouco atreito no cinzelar e de poucas ou nenhuma letras: a descuidada paginação e o uso dos dois II (em vez do E) serão disso prova evidente. O que mais importa, porém, é a identificação do dedicante por siglas — que, na esteira de Scarlat Lambrino, outra explicação se não descortina para as letras da primeira linha. O uso das siglas demonstra o carácter privado da peça — a expor devotamente no larário familiar. Deus do comércio, do *negotium*, Mercúrio assume aqui particular significado, se atendermos a que os testemunhos do seu culto não são tão abundantes como isso na Península Ibérica (José Vives, nos finais da década de 60, não logrou contar duas dezenas de testemunhos) e se o relacionarmos com o atrás referido estatuto económico da população.

Também fruto de devoção privada é a ara —





39

de difícil decifração na sua parte final, onde parece vir sibilamente expresso o objectivo do *ex-voto* — dedicada ao já falado Baco, aqui identificado como *Deus Liber Pater* e homenageado por uma mulher, *Plotia Severa*. Deus do vinho, numa região em que a cultura da vinha não era despicienda, tanto pode ter sido honrado para protecção de colheitas como na sequência de rituais místéricos em que o seu culto era fértil.

Igualmente representativas são as duas pequenas aras: à *Dea Medica* (nº 37) e à *Dea Sancta* (nº 39). As suas dimensões situam-nas de preferência — no que respeita ao contexto arqueológico original — não necessariamente em recinto público mas em local de propriedade privada, a que se terá querido emprestar certa solenidade e, mesmo, sacralização.

Medica aponta preferentemente para acção de graças na sequência de cura milagrosamente atribuída. Trata-se, porém, da oferta — *donum* — feita por um indígena, que poderá ter querido granjear, assim, as boas graças duma protecção duradoura, afastando maus olhados, maleitas de pessoas, gados e colheitas. Daí que se dirija a uma indeterminada “deusa médica”: indígena, clássica ou oriental, não interessa. Poderá haver casos em que a designação seja passível de aplicar-se a uma divindade precisa. Não creio que o seja aqui. Aliás, também a outra ara se dedica a uma *Dea Sancta*: é a divindade local, o *Genius loci*, sem que, em meu entender, haja qualquer obrigatoriedade ou razão para que esta *Dea Sancta* seja, por exemplo, Atégina, como já foi sugerido. Suspeitaram os colonos recém-chegados que ali, terra fértil, acolhedora, a divindade teria características femininas — por isso, Aia Severa a decidiu chamar de “dea” e de “sancta” — que dela esperava, portanto, vir a receber as almejadas benesses, por voto que lhe fizera. E, curiosamente, nos três casos são mulheres as dedicantes — como se os homens houvessem reconhecido nelas maior capacidade de persuasão ...

O quadro fica, assim, de todo completo, combinando os dados disponíveis: aí pela segunda metade do século I antes de Cristo, chegaram do Norte de África e da Península Itálica famílias várias, que se instalaram em território oficialmente atribuído ou por elas de livre vontade escolhido (caso a intervenção oficial não haja sido determinante, imperiosa).

Os “novos” territórios eram, todavia, pertença de indígenas e dos seus deuses. Com uns e outros, havia, pois, que “negociar”.

Negoceie-se.

Aos deuses façam-se sacrifícios, perpetue-se na pedra o desejo de os apaziguar, de lhes querer bem, de lhes consagrar um espaço e um tempo para sempre!

Com os indígenas, dialogue-se, ensine-se a nova língua, outros costumes, outros nomes, desde que tudo se processe no mais profundo respeito pelas tradições locais.

E assim se fez.

E assim o termo de Serpa, na época romana, dá exemplo ímpar duma aculturação precoce — em que, curiosamente, até o rural e o urbano se entrelaçam na intimidade, deixando perplexos historiadores e arqueólogos.

Afinal, em que ficamos?

Bem quis André de Resende, ao forjar o epitáfio duma *civis romana* de nome *Fabia Prisca Serpens* (nº 29), atribuir a Serpa elevado estatuto no seio das cidades lusitanas; mas o texto não resiste à crítica:

1º É fora do comum vir indicada a *origo* dum defunto na sua terra natal;

2º Se Prisca fosse cidadã romana, teria assumido o gentílico do pai, de que, engenhosamente, André de Resende lhe faz receber o *cognomen*;

3º Embora possam não ser argumentos de peso, anote-se, ainda, que Cadila surgiria aqui pela primeira vez na epigrafia e que ILER 5250 — epitáfio duma Fábica Prisca — detém uma estrutura textual equivalente (onde Resende buscou, sem dúvida, a sua fonte de inspiração);

4º Finalmente, nunca a lápide foi encontrada nem há dela qualquer descrição.

Por isso, tal como os Romanos quiseram, ao serem mestres na arte da ambiguidade, as dúvidas vão persistir. Viviam no campo com o requinte da cidade; sonhavam, no bulício da cidade, com a pacata fecundidade rural.

Neste dobrar de milénio, descobrimos, afinal, que, há dois mil anos atrás, o Romano era exactamente um Homem como nós: o mesmo pensar, os mesmos anseios e perplexidades, a mesma vontade de viver em paz — consigo, com os deuses, com os vizinhos do lado.

José d'Encarnação
1997

BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, 1988, *Roman Portugal*, Vol. II, Fasc. III, Warminster.
- ALARCÃO, Jorge de, 1990 a, "O Domínio Romano", *Nova História de Portugal*, vol. I (Portugal. Das Origens à Romanização), Lisboa.
- ALARCÃO, Jorge de, 1990 b, "Vestígios romanos do concelho de Moura", *Moura na Época Romana*, Moura, p. 31-39.
- AL-IDRISI, 1989, "Los caminos de al-Andalus en el siglo XII según Al-idrisi", *Uns al-Muhay Wa-Rawd al-Furay*, Prólogo de M. J. Viguera, est., ed., trad., e anot. por Jassim Abid Mizal, CSIC, Madrid.
- AFFREIXO, J. M. da G., 1884, *Memoria Historico-Economica do Concelho de Serpa*, Coimbra, Casa Minerva.
- ALMEIDA, Fernando de, 1971, "Notas sobre moedas visigóticas", *O Arqueólogo Português*, vol. V (3ª série), p. 217-220.
- ALMEIDA, Fernando de e CAEIRO, José Olívio, 1978, "Pé de altar visigótico na Abóboda (Serpa)", *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*, vol. I, Lisboa, 337-344.
- ALMEIDA, J. Mendes de, 1984-1988, "Um exemplo invulgar de epitáfio lusitano-romano", *Arqueologia e História*, série X, vol. III (1), p. 99-102.
- ARMAS, Duarte de, 1997, *Livro das Fortalezas*, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, INAPA, Lisboa.
- ARMBRUSTER, B. e PARREIRA, Rui (coord.), 1993, *Inventário. Coleção de Ourivesaria. 1º volume. Do Calcolítico à Idade do Bronze*, Lisboa, SEC, IPM, IPCM.
- BERROCAL-RANGEL, Luis, 1993, *Los pueblos celticos del suroeste de la Peninsula Iberica*, Complutum - extra 2, Madrid.
- BONNEVILLE, J.-N., 1982, "Remarques sur l'indication de l'Origo par la tribu et le toponyme après des «tria nomina» sans filiation", *Mélanges de la Casa de Velázquez*, XVIII/1, p. 5-32.
- CAEIRO, José O. S., 1978, "Observações sobre cerâmica comum romana do séc. III proveniente da Cidade das Rosas, Serpa", *Actas das III Jornadas Arqueológicas (1977)*, vol. I, Lisboa, p. 249-271.
- CAEIRO, José O. S., 1983-1985, "Ara funerária da região de Serpa", *Arquivo de Beja*, vol. II (2ª série), p. 211-213.
- CAEIRO, José O. S., 1985, "Inscrição romana do Monte Branco (nº 2) - Serpa", *Arqueologia*, nº 11, p. 119-120.
- CAEIRO, José O. S., 1987, "A Cidade das Rosas (Serpa)", *Arquivo de Beja*, vol. IV (2ª série), p. 111-125.
- CAEIRO, José O. S., 1995, "Peça invulgar em cerâmica comum da Cidade das Rosas (Serpa)", *Al-madan*, nº 4 (IIª série), p. 165.

- CALADO, M., 1993, *Carta Arqueológica do Alandroal*, Ed. Câmara Municipal do Alandroal.
- CALADO, M., 1995, *A região da Serra d'Ossa: introdução ao estudo do povoamento Neolítico e Calcolítico*, Lisboa, Faculdade de Letras (texto policopiado).
- CAPEANS, Rosa, 1940, "Antigualhas lusitano-romanas", *Congresso do Mundo Português*, Lisboa, 547-561.
- CARDOSO, J. Luís, 1994, "Os Restos de Grandes Mamíferos do Povoado Neolítico da Igreja de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho)", *Vipasca*, 3, p. 51-55.
- COELHO, A. Borges, 1972-75, *Portugal na Espanha Árabe*, 4 vols., Seara Nova, Lisboa.
- DIAS, M. A., 1990, "Para um repertório das inscrições romanas do território português", *Euphrosyne*, 18, p. 413-422 (nº 83).
- DIAS, M. A. e SOARES, A. M., 1987, "O epitáfio paleocristão de *Martinus*, Vila Verde de Ficalho (Serpa)", *O Arqueólogo Português*, vol. V (4ª série), p. 233-240.
- DIAS, M. A. e SOARES, A. M., 1988-1989, "Os lateres «ex officina» Vincinti» do Sul de Portugal", *O Arqueólogo Português*, vol. 6/7 (série IV), Lisboa, p. 263-269.
- DINIZ, M., 1995, "A Neolitização no Interior/Sul de Portugal: uma proposta alternativa", *I Congrès del Neolític a la Península Ibèrica - Rubricatum*, nº 1, vol. 2, p. 683-688.
- ENCARNAÇÃO, José d', 1984, *Inscrições romanas do Conventus Pacensis. Subsídios para o estudo da romanização*, Coimbra.
- ENCARNAÇÃO, José d', 1990, "Epigrafia romana do Museu Municipal de Moura", *Moura na Época Romana*, Moura, p. 65-74.
- ENCARNAÇÃO, José d', 1995, "Apostilas epigráficas – 2", *Biblos*, 71, p. 403-416.
- ESPANCA, T., 1966, *Inventário Artístico de Portugal*, vol. VII – *Concelho de Évora*, Lisboa.
- FARIA, A. M., 1989, "Sobre a data da fundação de *Pax Iulia*", *Conimbriga*, XXVIII, p. 103-109.
- FERREIRA, A. Costa, 1914, "Sobre uns vasos antigos do Museu Etnológico Português. Subsídios para a história da higiene e para a da influência púnica na Lusitânia", *O Archeólogo Português*, vol. XIX, p. 1-14.
- GAMITO, T. J., 1982, "A Idade do Ferro no Sul de Portugal. Problemas e perspectivas", *Arqueologia*, nº 6, p. 65-78.
- GARCIA Y BELLIDO, A., 1967, "Retratos romanos imperiales de Portugal", *Arquivo de Beja*, vol. XXIII-XXIV (1966-1967), p. 280-291.
- GOMES, M. V., GOMES, R. V., BEIRÃO, C. M., MATOS, J. L., CUNHA, A. S., SILVA, C. T., GIL, F. B., GUERRA, M. F. e BARREIRA, G., 1986, "A Necrópole da Vinha do Casão (Vilamoura, Algarve) no contexto da Idade do Bronze do Sudoeste Peninsular", *Trabalhos de Arqueologia*, 2, Lisboa.
- GONÇALVES, V. S., 1987, "O povoado pré-histórico da Sala nº1 (Pedrogão, Vidigueira): Notas sobre a campanha 1 (88)", *Portugália*, 8, p. 7-16.
- GONÇALVES, V. S., 1995, *Sítios, "Horizontes" e Artefactos*, Câmara Municipal de Cascais.
- GORGES, Jean-Gérard, 1979, *Les villas hispano-romaines. Inventaire et problématique archéologiques*, Bordeaux, Centre Pierre Paris.
- GORGES, Jean-Gérard, 1994, "Une inscription romaine inédite de Serpa (Beja, Portugal)", *Mélanges de la Casa de Velázquez*, 30 (1), Madrid, p. 83-86.
- HUICI MIRANDA, A., 1954, "Los Almohades en Portugal", *Anais da Academia Portuguesa da Historia*, vol. 5 (2ª s.), Lisboa, p. 9-51.
- Informação Arqueológica*, (1977/78), 1979, 1, p. 16-18, 27 e 75.
- Informação Arqueológica*, (1979), 1982, 2, p. 30-36 e 99.
- Informação Arqueológica*, (1981), 1984, 4, p. 49.

Informação Arqueológica, (1982/83), 1985, 5, p. 8-9 e 46-48.

Informação Arqueológica, (1984), 1986 a, 6, p. 33-34.

Informação Arqueológica, (1985), 1986 b, 7, p. 19-20.

JORGE, S. O., 1990, "Complexificação das sociedades e sua inserção numa vasta rede de intercâmbios", *Nova História de Portugal*, vol. I (Portugal das Origens à Romanização, coord. de J. de Alarcão), Lisboa, p. 213-251.

Jornal de Moura, "A herdade da Salsa (Estação romana na freguesia de Brinches, entre Moura e Serpa)", 25 de Abril de 1942, Ano XXII, nº 743.

Jornal de Moura, "Marco miliário dedicado a Adriano", Feira de Setembro de 1942, Ano XXII, nº 759.

Jornal de Moura, "Estação romana da herdade da Pipa (freguesia de Pias)", 23 de Janeiro de 1943, Ano XXII, nº 778.

Jornal de Moura, "Estação romana na herdade da Tôrre (Pias)", 24 de Julho de 1943, Ano XXII, nº 804.

Jornal de Moura, "Estudos na vila de Serpa", 24 de Agosto de 1943, Ano XXII, nº 808.

LAMBRINO, Scarlat, 1967, "Catalogue des inscriptions latines du Musée Leite de Vasconcelos", *O Arqueólogo Português*, vol. I (3ª série), p. 123-217.

LEISNER, George e LEISNER, Vera, 1959, *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel, Der Westen*, Madrider Forschungen, Band 1/2, Berlim.

LIMA, J. Fragoso de, 1944, "Localização da Cidade Romana de Serpa", *Boletim da Casa do Alentejo*, Novembro, 99-A, p. 31-32.

LIMA, J. Fragoso de, 1951, "Aspectos da romanização no território português da Bética", *O Arqueólogo Português*, vol. I (2ª série), p. 171-211.

LIMA, J. Fragoso de, 1981, *Elementos históricos e arqueológicos do concelho de Moura*, Moura.

LIMA, J. Fragoso de, 1988, *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura*, Beja.

MAIA, M. G. Pereira, 1978, "Contributos para as cartas de distribuição em Portugal da sigillata luzente e da Late Roman C Ware", *Actas das III Jornadas Arqueológicas* (1977), vol. I, Lisboa, p. 293-307.

MANTAS, Vasco, G., 1996, "Teledetecção, cidade e território: *Pax Iulia*", *Arquivo de Beja*, vol. I, (3ª Série) p. 5-30.

MOITA, Irisalva, 1965, "A Carta Arqueológica da margem esquerda do Guadiana e o Museu de Serpa (projecto)", *Lucerna*, IV, 140-152.

NOGUEIRA, A. de Melo, 1931, "Alguns instrumentos neolíticos encontrados no Concelho de Serpa (Alentejo)", *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, XVII, p. 57-64.

PARREIRA, Rui, 1983, "O Cerro dos Castelos de S. Brás (Serpa), Relatório preliminar dos trabalhos arqueológicos de 1979 e 1980", *O Arqueólogo Português*, vol. 1 (série IV), p. 149-168.

PARREIRA, Rui, 1995, "Aspectos da Idade do Bronze no Alentejo Interior", *A Idade do Bronze em Portugal - discursos de poder* (Catálogo da Exposição), Lisboa, Instituto Português de Museus/Museu Nacional de Arqueologia, p. 131-134.

PARREIRA, Rui e SOARES, A. Monge, 1980, "Zu einigen Bronzezeitlichen Höhensiedlungen in SüdPortugal", *Madrider Mitteilungen*, 21, p. 109-130.

PÉREZ MACIAS, J. A., 1994, "El yacimiento calcolítico de Cerro del Bruco. Propuesta para una secuencia de la edad del cobre en los Picos de Aroche", *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana*, Huelva, p. 119-148.

PICARD, Christophe, 1986, *Le Gharb al-Andalus. Étude régionale d'après les sources littéraires et archéologiques*, (tese de doutoram. III Cycle, Univ. Paris IV - Sorbonne).

- PROENÇA, F. Tavares, 1910, *Materiaes para o estudo das antiguidades portuguezas*, anno I, nº 1.
- QUINTELA, A. C., CARDOSO, J. L. e MASCARENHAS, J. M., 1986 a, *Aproveitamentos hidráulicos romanos a sul do Tejo: contribuição para a sua inventariação e caracterização*, Ministério do Plano e da Administração do Território, Lisboa.
- QUINTELA, A. C., CARDOSO, J. L. e MASCARENHAS, J. M., 1986 b, “Barragens romanas do distrito de Beja. Contribuição para a sua inventariação e caracterização”, *Arquivo de Beja*, vol. III (2ª série), p. 153-165.
- RESENDE, André de, 1790, *De Antiquitatibus Lusitaniae*, Typ. Academia Regia, Coimbra.
- RETUERCE VELASCO, M., 1986, “Cerámica islámica de la “Cidade das Rosas”, Serpa (Portugal)”, *II Coloquio de cerámica medieval del Mediterráneo Occidental (Toledo, 1981)*, Ministerio da Cultura, Madrid, p. 85-92.
- RETUERCE VELASCO, M., 1987, “El templen. Primer testimonio del telar horizontal en Europa ?”, *Boletim de Arqueologia Medieval*, 1, Asociacion Española de Arqueologia Medieval, Madrid, p. 71-77.
- RIBEIRO, M. Isabel e SOARES, A. Monge, 1991, “A sepultura do Bronze do Sudoeste da Herdade do Montinho (Vale do Vargo, Serpa). Aplicação de alguns métodos instrumentais de análise química a um problema arqueológico”, *Actas das IV Jornadas Arqueológicas*, p. 287-298.
- SAA, Mario, 1963, *As grandes vias da Lusitânia*, vol. IV, Lisboa.
- SCHUBART, H., 1974 a, “Novos achados sepulcrais do Bronze do Sudoeste II”, *Actas das II Jornadas Arqueológicas*, vol. II, p. 65-95.
- SCHUBART, H., 1974 b, “La cultura del Bronce en el sudoeste peninsular. Distribución y definición”, *Miscelánea Arqueológica*, tomo II, p. 345-370.
- SCHUBART, H., 1975, *Die Kultur der Bronzezeit in Südwesten der Iberischen Halbinsel*, Madrider Forschungen, 9, Berlin.
- SILLIÈRES, Pierre, 1990 a, *Les Voies de Communication de l’Hispanie Méridionale*, Publications du Centre Pierre Paris, 20.
- SILLIÈRES, Pierre, 1990 b, “Voies romaines et limites de provinces et de cités en Lusitanie”, *Les Villes de Lusitanie Romaine (Hiérarchies et territoires)*, Collection de la Maison des Pays Ibériques, 42.
- SILVA, A. C., 1994, “Problemática das indústrias macrólitas do Guadiana”, *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*, Huelva, p. 71-89.
- SILVA, A. C. Ferreira, GOMES, M. Varela, 1992, “Proto-História de Portugal”, Univ. Aberta, Lx.
- SOARES, A. Monge, 1976/77, “Uma cista do Bronze do Sudoeste em Aldeia Nova de S. Bento (Serpa)”, *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 273-279.
- SOARES, A. Monge, 1986, “O povoado do Passo Alto. Escavação de 1984”, *Arquivo de Beja*, 3 (2ª série), p. 89-99.
- SOARES, A. Monge, 1992, “O povoado calcolítico dos Três Moinhos (Baleizão). Notícia preliminar”, *Setúbal Arqueológica*, 9-10, p. 29-314.
- SOARES, A. Monge, 1993, “Um molde islâmico em Pias (Serpa)”, *Arqueologia Medieval*, 2, p. 219-220.
- SOARES, A. Monge, 1994 a, “Descoberta de um Povoado do Neolítico Junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa), Resultados Preliminares”, *Vipasca*, 3, p. 41-49.
- SOARES, A. Monge, 1994 b, “O Bronze do Sudoeste na margem esquerda do Guadiana. As necrópoles do Concelho de Serpa”, *Actas das V Jornadas Arqueológicas*, vol. II, p. 179-197.
- SOARES, A. Monge, 1996 a, “Datação absoluta da estrutura neolítica junto à Igreja Velha de S. Jorge (Vila Verde de Ficalho, Serpa)”, *Vipasca*, 5, p. 51-57.
- SOARES, A. Monge, 1996 b, “Povoado da Misericórdia (Margem esquerda do Guadiana, Serpa). Ocupações humanas e vestígios metalúrgicos”, *Vipasca*, 5, p. 103-115.

- SOARES, A. Monge, 1997, "A necrópole paleo-cristã do Assento de Chico Roupa (Vila Verde de Ficalho, Serpa), *Arqueologia Medieval*, 5, p. 23-33.
- SOARES, A. Monge ; ARNAUD, J. Morais, 1984, "Escavações do sepulcro megalítico MV 2 (V. V. de Ficalho, Serpa)", *Arquivo de Beja*, vol. I (2ª série), p. 67-82.
- SOARES, A. Monge e BRAGA, J. Rodrigues, 1986, "Balanço provisório da intervenção arqueológica já realizada no castelo de Serpa", *Arquivo de Beja*, vol. III (2ª série), p. 167-198.
- SOARES, A. M., ARAÚJO, M.F. e CABRAL, J. P., 1994, "Vestígios da prática de metalurgia em povoados calcolíticos da bacia do Guadiana, entre o Ardila e o Chança", *Arqueologia en el entorno del Bajo Guadiana*, Huelva, p. 165-200.
- SOARES, A. M., ARAÚJO, M. F., ALVES, L. e FERRAZ, M. T., 1996, "Vestígios Metalúrgicos em contextos do Calcolítico e da Idade do Bronze no Sul de Portugal", *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Lisboa, Edições Colibri, p. 553-579.
- SOUZA, Vasco de, 1990, *Corpus Signorum Imperii Romani, Portugal*, Coimbra.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1895, "Aquisições do Museu Ethnographico Português", *O Archeólogo Português*, vol. I, p. 218-222.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1898, "Coup d'oeil sur la Numismatique en Portugal", *O Archeólogo Português*, vol. IV, p. 65-76.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1900, "Da Lusitânia à Bética", *O Archeólogo Português*, vol. V, p. 225-249.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1901, "Les Monnaies de la Lusitanie Portugaise", *O Archeólogo Português*, vol. VI, p. 81-89.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1913, *Religiões da Lusitânia*, vol. III, Lisboa.
- VASCONCELOS, J. Leite de, 1927, *De Terra em Terra*, vol. II, Lisboa.
- VIANA, Abel, 1943 a, "Paleolítico no Baixo Alentejo", *Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências — Quarto Congresso*, VIII, 7ª secção — Ciências Históricas e Filológicas, Porto, p. 78-94.
- VIANA, Abel, 1943 b, "Paleolítico das margens do Guadiana", *Arquivo de Beja*, II (III-IV), p.
- VIANA, Abel, 1945, "Paleolítico do Baixo Alentejo. Vale do Guadiana", *Brotéria*, 40, p. 192-211.
- VIANA, Abel, 1946 a, "Paleolítico das margens do Guadiana", *Arquivo de Beja*, vol. III, p. 364-411.
- VIANA, Abel, 1946 b, *Museu Regional de Beja - Secção Lapidar*, Beja.
- VIANA, Abel, 1947 a, "Paleolítico dos arredores de Beja e do Litoral Algarvio zona do Sotavento", *Brotéria*, 45, p. 45-57.
- VIANA, Abel, 1947 b, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, vol. IV, p. 3-29.
- VIANA, Abel, 1948, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo V, Pedrógão; Toca da Galiana; notas diversas", *Arquivo de Beja*, vol. V, p. 48-55.
- VIANA, Abel, 1950, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, vol. VII, p. 3-40.
- VIANA, Abel, 1955, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, vol. XII, p. 3-35.
- VIANA, Abel, 1957 a, "Quatro notáveis peças arqueológicas do Baixo Alentejo", *XXIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, tomo VIII, Coimbra, p.444-451.
- VIANA, Abel, 1957 b, "Notas históricas, arqueológicas e etnográficas do Baixo Alentejo", *Arquivo de Beja*, vol. XIV, p. 3-57.